

Hospitalidade e reintegração social de pessoas apenadas

Hospitality and social reintegration of convicted individuals

Hospitalidad y reintegración social de personas condenadas

Larissa dos Santos Araújo¹
Davi Alysson da Cruz Andrade²
David Leonardo Bouças da Silva³
Marilene Sabino Bezerra⁴

Resumo: Este trabalho trata da hospitalidade e reintegração social de pessoas apenadas. O objetivo é investigar como a hospitalidade se manifesta no tratamento de recuperandos do Centro de Ressocialização Social (CRS), em São Luís, Maranhão, de acordo com o método APAC. Metodologicamente, este estudo é exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de roteiros semiestruturados com três funcionários do CRS, considerados aqui como “anfitriões” e oito recuperandos. Depois de transcritas as entrevistas, aplicou-se a técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados indicaram que a hospitalidade é percebida em aspectos tangíveis e intangíveis por recuperandos e funcionários do CRS. Estes itens foram organizados nas dimensões: tratamento com os recuperandos; tratamento com os familiares; infraestrutura e conforto; alimentação; interação; e serviços. Foram identificados 19 tópicos ligados à hospitalidade. Os funcionários perceberam praticamente todos esses aspectos. Os recuperandos destacaram, principalmente, os elementos relacionados ao tratamento com eles e com seus familiares, e à alimentação oferecida. Os resultados sinalizam para a contribuição positiva da hospitalidade no processo de reintegração social de apenados.

Palavras-Chave: Hospitalidade; reintegração social; sistema penitenciário; método APAC; São Luís do Maranhão.

Abstract: This study addresses hospitality and the social reintegration of inmates. According to the APAC method, the objective is to investigate how hospitality manifests in the treatment of inmates at the Social Reintegration Center (SRC) in São Luís-Maranhão. Methodologically, this study is exploratory and descriptive, employing a qualitative approach. We collected data through semi-structured interviews with three SRC employees, considered here as “hosts”, and eight inmates. After transcription, the Content Analysis technique was applied to the interviews. The results indicate that SRC inmates and staff perceive hospitality in both tangible and intangible aspects. These elements were organized into the following dimensions: treatment with the residents; treatment with the family members; infrastructure and comfort; food; interaction; and services. 19 topics related to hospitality were identified. The employees perceived almost all these aspects, while the inmates emphasized elements related primarily to their treatment, the treatment of their families, and the food provided. The findings suggest the positive contribution of hospitality to the social reintegration process of incarcerated individuals.

Key words: Hospitality; social reintegration; prison system; APAC method; São Luís do Maranhão.

¹ Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: leoneaj24@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0798-5116>

² Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: davi.andrade@ufma.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1718-9116>

³ Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: david.boucas@ufma.br – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4562-5421>

⁴ Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: marilene.sabino@ufma.br – ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4738-934X>

Resumen: Este estudio aborda la hospitalidad y la reintegración social de encarcelados. El objetivo es investigar cómo se manifiesta la hospitalidad en el tratamiento de encarcelados del Centro de Reinserción Social (CRS) en São Luís-Maranhão, de acuerdo con el método APAC. Metodológicamente, este trabajo es exploratorio y descriptivo, con un enfoque cualitativo. La recopilación de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas a tres empleados del CRS, considerados aquí como “anfitriones”, y ocho encarcelados. Tras la transcripción, se aplicó la técnica de Análisis de Contenido. Los resultados indican que la hospitalidad es percibida en aspectos tangibles e intangibles tanto por los encarcelados como por los empleados del CRS. Estos elementos fueron organizados en las dimensiones de: tratamiento con los encarcelados; tratamiento con los familiares; infraestructura y confort; alimentación; interacción; y servicios. Se identificaron 19 temas relacionados con la hospitalidad. Los empleados percibieron prácticamente todos estos aspectos, mientras que los encarcelados destacaron principalmente los elementos relacionados con su propio tratamiento, el tratamiento de sus familiares y la alimentación ofrecida. Los resultados señalan la contribución positiva de la hospitalidad en el proceso de reintegración social de las personas encarceladas.

Palabras clave: Hospitalidad; reintegración social; sistema penitenciario; método APAC; São Luís do Maranhão.

1 Introdução

A reintegração social de indivíduos que cumprem pena em estabelecimentos penitenciários configura desafio complexo e de suma importância para desenvolver uma sociedade mais equitativa e segura (Silva, 2022). Nesse sentido, uma ampla literatura aponta caminhos para solucionar e/ou mitigar a problemática do tratamento de apenados no sistema prisional e do seu retorno ao convívio social (Barquín et al., 2019). Apresenta-se, aqui, o entendimento de que a hospitalidade possa desempenhar um papel significativo na relação entre funcionários dos presídios e apenados, colaborando, positivamente, na reintegração social dessas pessoas privadas de liberdade. Isto porque a hospitalidade constitui uma maneira privilegiada de encontro interpessoal – envolvendo anfitriões e hóspedes (Camargo, 2004; Lashley, 2004) – marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro (Baptista, 2002).

No Brasil, a população carcerária chegou a 832.295 pessoas em 2023 (Folha de S.Paulo, 2023). Esses indivíduos se encontram, via de regra, sujeitos a condições precárias nos presídios – superlotação, falta de higiene etc. (Araújo & Spolon, 2023) –, além de tratamento desumanizado provido por agentes públicos (Rudnicki, 2021). Logo, verifica-se a ineficácia do sistema prisional brasileiro em promover a recuperação, ressocialização e/ou reintegração dos apenados à sociedade (Silva, 2022). Esta situação serve de alerta para o exercício laboral dos que lidam diariamente com a execução de penas, haja vista a importância da valorização que cada indivíduo possui no âmbito social (Infopen, 2022). Em outros termos, a condição de estar preso

restringe o direito de ir e vir, mas os demais direitos humanos devem ser mantidos, algo raro nas prisões brasileiras (Costa, 2017).

Nesse contexto do sistema penitenciário brasileiro emerge a Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC), cujo objetivo é reintegrar, socialmente, o indivíduo, partindo de uma proposta distinta de administração penitenciária, com base em um novo conceito de reabilitação e reintegração social. Isto tudo visa a redução da reincidência criminal, a partir de um tratamento humanizado que pode gerar ambientes com mais confiança e respeito (Fonseca & Ruas, 2016), condições estas essenciais à transformação dos apenados. Nesse modelo, a hospitalidade é vista como um dos principais pilares para a ressocialização, cuja proposta é conjugar trabalho, religião e assistência jurídica, além do fortalecimento dos vínculos familiares (Martins, 2009).

Neste trabalho, enfoca-se o método APAC, uma vez que a sua expansão, há muito, vem sendo recomendada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), porquanto, nesse modelo, os índices de reincidência criminal variam de 8% e 15%, ou seja, bem inferiores aos mais de 70% estimados no sistema prisional tradicional (CNJ, 2014). Ademais, compreende-se a proposta apaqueana como uma alternativa promissora ao “falido” sistema penal tradicional (Pimenta & Fonseca, 2018).

Assim, algumas questões-chave emergem nesta pesquisa: quais são os elementos identificados no método APAC e que se alinham a conceitos/dimensões pregados nos debates sobre hospitalidade? Sendo assim, este estudo objetiva investigar como a hospitalidade se manifesta no tratamento de pessoas apenadas do Centro de Ressocialização Social (CRS), em São Luís-MA, de acordo com o método APAC. Para tanto, realizou-se uma investigação com funcionários e recuperandos do referido centro.

Este trabalho justifica a sua importância com base nas recomendações de Lugosi (2021) para aprofundar pesquisas sobre como a hospitalidade é percebida e executada, e como ela se relaciona aos encontros humanos para além do domínio comercial. Neste ponto, o presente estudo avança na discussão no contexto social dos presídios. Alguns estudos empíricos sobre a hospitalidade têm focado no anfitrião (Blain & Lashley, 2014) e negligenciado o ponto de vista dos hóspedes (Pijls et al., 2017). Logo, aqui buscamos as percepções também dos hóspedes, neste caso, dos encarcerados. Harkison (2023) recomendou que novas pesquisas foquem em como a

hospitalidade pode contribuir para a reabilitação de detentos e ex-detentos. Nesse sentido, avança-se no entendimento do método APAC e de suas contribuições ao sistema carcerário. Assim, espera-se contribuir com as investigações a respeito da hospitalidade, especialmente em um contexto pouco explorado como o sistema prisional.

2 Hospitalidade: conceitos e práticas

As noções sobre a hospitalidade variam de acordo com a perspectiva filosófica e epistemológica, ou conforme cada cultura, país ou pessoa (Andrade, 2023). Lynch et al. (2011) afirmaram que a abordagem interdisciplinar da hospitalidade permite tratar questões sociais, culturais e políticas importantes para a sociedade. Em seu sentido básico, a hospitalidade consiste na “oferta de alimentos e bebidas e, ocasionalmente, acomodação para pessoas que não são membros regulares da casa” (Telfer, 2004, p. 54). O anfitrião e o hóspede são os principais sujeitos da hospitalidade (Camargo, 2004; Lashley, 2004), sendo que cada um deles deve assumir seu papel na “cena hospitaleira” (Camargo, 2011). Em alguns contextos, um hóspede pode assumir o papel de anfitrião em relação a outros hóspedes (Lugosi, 2008).

Para Montandon (2003, p. 12), a hospitalidade seria “uma maneira de se viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis”, sendo “concebida não apenas como uma forma essencial de interação social, mas também como uma forma própria de humanização, ou no mínimo, uma das formas essenciais de socialização”. Há quem defenda que a hospitalidade trate do respeito às necessidades básicas de um terceiro (Urie et al., 2019). Assim sendo, as concepções sobre a hospitalidade evoluíram, consideravelmente, nos últimos anos (Lynch et al., 2021). Além de reconhecer que ela se manifesta tanto por aspectos intangíveis – atitudes etc. – como tangíveis – infraestrutura, entre outros – (Lynch et al., 2011), mais recentemente, tem-se buscado explorar, empiricamente, como a hospitalidade se manifesta em contextos específicos (Andrade, 2023).

Lashley et al. (2005) propuseram que a hospitalidade em restaurantes fosse observada nas dimensões: Ocasão; Companhia; Atmosfera; Comida; Ambiente; e Atendimento. Nos presídios, a hospitalidade pode ser expressa pela qualidade da comida oferecida aos encarcerados e aos seus familiares (Rudnicki, 2011). Ariffin e Maghzi (2012), em trabalho pioneiro sobre a hospitalidade hoteleira, apontaram que ela pode ser percebida nas dimensões: Personalização; Recepção Calorosa; Conforto; Autenticidade; e Relacionamento Especial. Andrade e Polo (2018)

corroboraram essas dimensões e sugeriram a inclusão da dimensão Justiça de Preço para as relações de hospitalidade nesse setor. Pijls et al. (2017) exploraram a hospitalidade nos serviços em geral, sugerindo que ela fosse verificada a partir das dimensões: Convidar; Cuidado; e Conforto. Andrade et al. (2020) recomendaram que a hospitalidade em um mercado público fosse percebida nas dimensões: Recepção Calorosa; Conforto; Restauração; Acessibilidade; Variedades de Produtos; e Autenticidade. Para Chau e Yan (2021), nos destinos turísticos, a hospitalidade pode ser observada nas dimensões: Comportamentos Hospitaleiros; Infraestrutura; e Atmosfera turística.

Conforme observado, a hospitalidade pode ser oferecida e recebida em contextos diversos, como na casa das pessoas, nas ruas, em hospitais, em hospedagens ou mesmo nos presídios (Araújo & Spolon, 2023). Nesses ambientes prisionais, contudo, a hospitalidade ainda é uma possibilidade pouco reconhecida (Harkison, 2023). Diante dessa diversidade de contextos e características de cada relação entre anfitrião e hóspede, a hospitalidade pode se manifestar nos domínios doméstico, comercial e social/cultural (Camargo, 2004; Lashley, 2004). Nesse estudo, considera-se a hospitalidade em um contexto social/público visto que, no sistema penitenciário brasileiro, o serviço de tutela do preso é provido pelo Estado (Araújo & Spolon, 2023) e a APAC presta um serviço público e gratuito com foco na ressocialização dos apenados.

No contexto prisional, a consulta a bases científicas revelou número discreto de publicações, em âmbito nacional, que conjugam os temas Hospitalidade e Sistema Prisional. A investigação de Silva (2022) evidenciou a relevância do trabalho e de cursos profissionalizantes para a reinserção de presos, com base no conceito de hospitalidade incondicional. Araújo e Spolon (2023) enfocaram as possibilidades de profissionais de Hotelaria e Turismo atuarem nos presídios, em virtude de suas competências técnicas ligadas ao acolhimento de pessoas e provimento de alojamento, alimentação e entretenimento. Brevemente, Guimarães e Castelhana (2023) mencionaram que uma das motivações para a hospitalidade é a religião, tendo como uma de suas práticas a visita a presos.

Em variados países europeus, além de Nova Zelândia e dos Estados Unidos, Harkison (2023) destacou a importância de promover ocupação e desenvolver competências nos encarcerados e ex-detentos – em estabelecimentos de hospitalidade (restaurantes e cafeterias) funcionando dentro e fora dos presídios – a fim de coibir a sua reincidência no mundo do crime.

No Reino Unido, Urie et al. (2019) verificaram a dificuldade de praticar a hospitalidade em ambientes prisionais, mas reconheceram a necessidade de exercitá-la de forma inovadora, a partir de atividades cocriadas ligadas à arte, a exemplo da escrita e compartilhamento de músicas produzidas pelos encarcerados.

Por outro lado, muitos estudos se empenharam em problemáticas diversas que envolvem a vivência nos presídios. No Reino Unido, Liebling e Arnold (2004) identificaram que a qualidade de vida na prisão é percebida pelos bons relacionamentos dos encarcerados com os agentes de segurança. Na Espanha, Barquín et al. (2019) confirmaram que o bem-estar dos apenados depende não apenas da qualidade das interações com os funcionários – destacando apoio e gentileza oferecidos – mas também de outros elementos como: menor superlotação; medidas de segurança menos rígidas; melhores instalações; e conforto térmico. No Irã, Khoshnami et al. (2022) destacaram como entrave para a reintegração social, o estigma sobre ex-detentos – sobretudo para os que cometeram crimes mais hediondos (Ruiz, 2016) –, o que requer o suporte público e não-governamental para que esses indivíduos recuperem o seu capital social perdido. Há estudos também que reconheceram que determinados perfis de detentos são perigosos, o que exige avaliações psicológicas/psiquiátricas para a tomada de decisão acerca do seu retorno ao meio social (Snacken, Devynck, & Uzieblo, 2022).

Michaud (2011, p. 1007) mencionou que “a hospitalidade pura consiste em acolher aquele que chega antes de lhe impor condições, antes de saber e exigir qualquer coisa, seja um nome ou um “documento” de identidade. Assim, Gutierrez (2022, p. 54) destacou que “na hospitalidade incondicional [...] o necessário e urgente é dar de comer, acolher, receber, sem pré-conceito”. Pelas características do trabalho da APAC e dos usuários do serviço oferecido, são identificados elementos que se aproximam da hospitalidade incondicional, sendo esta uma concepção filosófica caracterizada pelo sentido mais estrito que se atribui ao conceito profundo de hospitalidade. Em outras palavras, não existe condição para que o indivíduo aja de forma complacente com o outro, pois é algo intrínseco, externado a partir das suas atitudes e comportamentos sociais, sem pressupor, por exemplo, retorno financeiro como é comum na hospitalidade em ambiente comercial (Zevallos, 2022). Na prática, os apenados precisam cumprir vários requisitos para que tenham a chance de deixar o sistema prisional tradicional e cumprir sua pena em um CRS/APAC (Rudnicki, 2021).

3 O sistema prisional brasileiro e o método APAC

As prisões funcionam retirando as pessoas que cometem delitos do convívio em sociedade. A deficiência de uma estadia humana e digna pode acarretar sérias consequências, como a reincidência no cometimento de delitos similares aos que foram empreendidos anteriormente (Barquín et al., 2019). Assim, um local que deveria funcionar com o propósito de ressocialização, acaba por contribuir para a realidade dos indivíduos de maneira negativa (Biondi, 2017).

Pessoa (2015) inferiu que o sistema carcerário brasileiro é ineficaz na ressocialização de indivíduos, considerando que em muitos casos, o preso, devido aos relacionamentos estabelecidos na prisão, torna-se mais violento. Este fator contribui, consideravelmente, para o seu comportamento futuro após cumprimento de pena. Essas redes do crime, ligadas a facções, são fortalecidas internamente, em função da superlotação e da incapacidade estatal de prover o essencial à sobrevivência dos detentos (Biondi, 2017). Ruiz (2016) destacou que na reinserção de ex-encarcerados ao mercado de trabalho, geralmente, são aceitos mais facilmente os que cometeram crimes mais brandos. Desse modo, a aquisição de direitos individuais se condiciona ao respeito que o apenado adquire no meio social, exigindo apoio estatal para a sua reintegração social e produtiva (Khoshnami et al., 2022).

Um dos principais objetivos da reabilitação é que o indivíduo não volte a cometer delitos similares e retorne à prisão (Paixão, 2016). A construção da identidade, após o cumprimento da pena, é realizada através da aceitação social, isto é, à medida que o apenado adentra novamente o convívio social. A desvalorização faz com que o indivíduo não se reconheça perante os demais, alimentando preconceitos, o que pode desencadear baixa autoestima, falta de vontade de exercer uma profissão ou de se engajar socialmente (Khoshnami et al., 2022).

Nesse âmbito, emerge, na década de 1970, o método APAC como alternativa ao sistema prisional tradicional no Brasil que, atualmente, é também utilizado em muitos outros países (Pimenta & Fonseca, 2018). Ele se baseia no princípio de humanização do cumprimento da pena, visando reconhecer pessoas apenadas não somente como objeto do poder de punição do Estado (Martins, 2009), mas como indivíduos com direitos e deveres (Costa, 2017). A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) surgiu sob a liderança do advogado Mário

Ottoboni – vinculado à Pastoral Carcerária – que objetivava trabalhar com a população carcerária do presídio de Humaitá e amenizar as aflições de uma sociedade ameaçada por constantes rebeliões dos apenados que enfrentavam superlotações nas celas, torturas, desordem e violência (Lara, 2013).

Inicialmente, possuía caráter estritamente espiritual e, ao longo do tempo, Ottoboni e seu grupo desenvolveram uma metodologia de atuação que coibisse erros comuns nos presídios e propusesse alternativas, propiciando a reintegração de apenados à sociedade. Ao adquirir caráter jurídico, seu lema passou a ser “matar o criminoso e salvar o homem” (Martins, 2009). Assim, a APAC passou a ter dois desígnios – espiritual e jurídico –, tornando-se órgão parceiro da administração penitenciária pública, sobretudo quando se trata da recuperação e reintegração social. O objetivo do método APAC, portanto, é humanizar as prisões, sem negligenciar a finalidade punitiva da pena (Fonseca & Ruas, 2016).

O método APAC estabelece uma disciplina rígida e caracterizada por respeito, ordem, trabalho e envolvimento da família do recuperando, buscando a humanização das penas e prisões, e a diminuição das reincidências, por meio do trabalho de recuperação do apenado (Ottoboni, 2001). A participação da comunidade é de fundamental importância para o desenvolver o Método APAC, sendo que tal participação está assegurada na Lei de Execução Penal do Brasil, em seu Art. 4º, afirmando que durante o processo de ressocialização/reintegração social, o Estado deverá recorrer ao auxílio da comunidade (Brasil, 1984). Mais que isso, compreende-se que os elementos fundamentais do método encontram amparo na legislação penitenciária vigente, buscando promover, em parte, a função reintegrativa contida no Art. 1º da referida lei (Muniz Neto, 2011).

Conforme afirma Ottoboni (2001, p. 65), “a sociedade precisa saber que o aumento da violência da criminalidade decorre também do abandono dos condenados atrás das grades, fato que faz aumentar o índice de reincidência”. Um dos aspectos mais importantes do método APAC é a individualização da pena, em que um único estabelecimento prisional oferece os três regimes penais – fechado, semiaberto e aberto – com instalações independentes e apropriadas às atividades desenvolvidas (Fonseca & Ruas, 2016). Além disso, preconiza-se a liberdade religiosa para os encarcerados (Rudnicki, 2021).

Muniz Neto (2011) concorda que, apesar de falhas, o método configura alternativa viável

ao modelo tradicional de gestão prisional, em razão da ausência de castigos físicos, da quantidade adequada de prisioneiros por cela, da limpeza, do tratamento humanizado com os apenados etc. Para Fonseca e Ruas (2016), a aplicação deste método em Itaúna-MG se mostra eficaz, pois reduz custos com funcionários, assegura direitos e, conseqüentemente, a reincidência dos apenados. Rudnicki (2021) fez adendo para que a aproximação do ser humano com a religião seja livre, em vez de “arma ideológica” ou condicionante para obtenção de dignidade.

No entanto, há críticas ao método APAC, o que requer a atenção de estudiosos do tema e gestores dos presídios. Muniz Neto (2011) advertiu que muitos encarcerados, em Paracatu-MG, mascaram, sob o manto da religião, suas reais intenções para alcançarem benefícios da Execução Penal, fugirem de perseguições e/ou escaparem de conflitos intramuros. Ademais, o autor entende que o método foi idealizado para abrigar apenas o “padrão normal” de criminosos – negro, pobre, sem estudos, desempregado etc. –, excluindo aqueles condenados por crimes culposos (colarinho branco, funcionais e passionais). Rudnicki (2021) criticou o método entendendo que técnicas de poder do sistema prisional se potencializam ao se pregar o controle do agir e pensar do indivíduo. Nesse sentido, Rodrigues et al. (2019) analisaram que o método favorece o monopólio do discurso religioso, restringindo manifestações pessoais nos espaços compartilhados, o que pode ser cerceador e ir na contramão dos direitos humanos. Esta perspectiva moral-religiosa é criticada por Oliveira (2018, p. 98), evidenciando que o método compreende o “homem como indivíduo de natureza compósita em cuja constituição aloja-se o crime” e poderia, no máximo, minimizar o sofrimento e a desumanidade com os encarcerados.

4 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, transversal e descritiva, a qual lançou mão de observação não-participante (Veal, 2011). Foi realizada pesquisa bibliográfica em livros e artigos obtidos a partir de buscas no *Google Acadêmico*, para compor o referencial teórico que subsidiaria a fase empírica da pesquisa. A coleta de dados ocorreu a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado elaborado com base, principalmente, nos trabalhos de Lashley et al. (2005), Ariffin e Maghzi (2012), Andrade e Polo (2018), Pijls et al. (2017), Andrade et al. (2020) e Chau e Yan (2021).

Para a aplicação do instrumento de coleta foram realizadas visitas ao Centro de

Ressocialização Social/APAC de São Luís, em agosto de 2023, seguindo os procedimentos subsequentes: (a) contato com o CRS/APAC para agendamento das entrevistas; (b) realização da entrevista presencial, gravada mediante autorização escrita dos investigados. A atuação profissional de uma das coautoras no referido CRS/APAC facilitou o acesso ao público-alvo da pesquisa. Essa experiência de trabalho, vivenciando o dia a dia de funcionários, recuperandos e familiares, também permitiu observações iniciais sobre como hospitalidade era praticada naquele contexto. As entrevistas foram realizadas durante cinco dias, na sala de atendimento da assistência social.

Para determinar a amostra, utilizou-se o critério de adesão. Foram contemplados três funcionários da instituição (assistente jurídico, assistente social e inspetor de segurança), considerados aqui como “anfitriões” e identificados nos depoimentos no Tópico 4 de A1 a A3. Em seguida, foram realizadas entrevistas com oito recuperandos, mencionados abaixo de R1 a R8. Pelas lentes da teoria da hospitalidade estes poderiam, em aspectos gerais, ser considerados os “hóspedes” nas relações de hospitalidade, mas pelas particularidades do contexto, decidimos tratá-los como “recuperandos”. O inspetor de segurança acompanhou os momentos dos diálogos com os apenados. Entre estes, dois eram mais introspectivos e forneciam respostas curtas e incompletas. Os demais demonstraram se sentir à vontade e com facilidade em responder aos questionamentos. As entrevistas duraram entre 7 e 18 minutos cada. Depois de transcritas, as entrevistas geraram um *corpus* textual com 4.152 palavras, sendo 1.251 provenientes das falas dos funcionários e 2.901 dos recuperandos. Em seguida, aplicou-se a técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), com categorias definidas *a posteriori*.

5 Resultados e discussão

5.1 A perspectiva dos anfitriões

O primeiro aspecto observado pelos anfitriões, ou seja, trabalhadores do sistema penitenciário investigados, tratou de como a hospitalidade no CRS/APAC de São Luís se manifesta na relação com os apenados (Quadro 1). Verificou-se: *tratamento humanizado, recepção calorosa e respeitosa, vestimentas utilizadas pelos recuperandos, uso do nome, possibilidades de estudo, tratamento dispensado aos familiares, alimentação e dormitórios*. De

antemão e acima de tudo, a partir desses achados se confirma que a hospitalidade pode ser praticada em ambientes prisionais (Araújo & Spolon, 2023), mesmo que ainda seja pouco reconhecida essa possibilidade (Harkison, 2023).

Quadro 1 – Como a hospitalidade se manifesta na relação com os recuperandos no método APAC, de acordo com os anfitriões

Categorias	Depoimentos	Quantos disseram?
Tratamento humanizado	Quando falamos de tratamento humanizado [...] conseguimos vislumbrar alguns traços da hospitalidade . No sistema comum, trabalhamos com uma realidade numérica exorbitante e, dentro da APAC, o limite que podemos atingir são 200 recuperandos, sendo que, aqui, trabalhamos com 65 [...] assim, podemos dar uma atenção muito maior (A2).	1
Recepção calorosa e respeitosa	Tem uma acolhida tanto por parte dos funcionários [...] ver como ele chegou , o estado dele emocional [...] se a família já sabe ou foi informada sobre a transferência. Também a questão jurídica [...] pois tem gente lá que está sem advogado [...] saber quem da família vem visitar, quem não vem (A1). Faz parte do nosso cotidiano estar preparado para receber novos recuperandos que chegam do sistema comum [...] eles chegam cabisbaixos, acuados pela forma de tratamento que estavam recebendo e cheios de expectativas. Aqui temos essa didática de recepcionar o recuperando tratando de forma calorosa, respeitosa (A3).	2
Vestimentas	Solicitamos que as algemas sejam retiradas, retirando a farda do sistema comum, pois aqui eles usam roupa comum (A3).	2
Uso do nome	Os orientamos a esquecer o termo “interno”, pois aqui começamos a tratar todos pelo próprio nome (A3).	1
Acesso à educação	Existe uma reeducação para aqueles que abraçam [...] conseguem as oportunidades, estão fazendo ENEM, cursos . Tem muito essa busca pela remissão, mas tem gente que abraça, que gosta de estudar, que gosta de ler (A1).	1
Tratamento dispensado aos familiares	A hospitalidade é vista de algumas formas, como por exemplo, no tratamento para com o recuperando e seus familiares (A2). Quando a gente recebe o recuperando, acaba adotando aquela família, que é o momento de adaptação [...] essa aproximação de trazer a família nesse momento que o recuperando mais precisa , de propiciar visitas sociais que são aos finais de semana, visita íntima (A3).	2
Alimentação	Na alimentação que é realizada pelos recuperandos com a supervisão de um funcionário da própria instituição, ou seja, um ambiente que é propício para a ressocialização (A2).	1
Dormitórios	Eles possuem dormitórios e não celas como no sistema comum, em que trabalhamos em comarcas com camas, colchão, vestuário para as camas, remetendo a um processo de humanização (A2).	1

Fonte: os autores (2024).

Com base na literatura, esses aspectos também estão ligados à hospitalidade em contextos diversos, como o hospedar e o alimentar nos vários domínios da hospitalidade (Camargo, 2004; Lashley, 2004), além da recepção calorosa e do uso do nome dos hóspedes na hotelaria (Arifin & Maghzi, 2012; Andrade & Polo, 2018). Esses aspectos favorecem a melhoria dos relacionamentos com os apenados, algo se reflete na melhoria da qualidade de vida na prisão (Barquín et al., 2019; Liebling & Arnold, 2004). Ao oferecer dormitórios, em vez de celas, há uma preocupação com as dimensões infraestrutura e conforto dos recuperandos, aspectos importantes para a hospitalidade (Arifin & Maghzi, 2012; Andrade et al., 2018, 2020). No contexto do CRS/APAC São Luís, os funcionários apontaram que o tratamento humanizado e a recepção calorosa/respeitosa são direcionados tanto aos apenados como aos seus familiares. Quanto a este público, Rudnicki (2011) já havia apontado que a alimentação oferecida também às famílias dos apenados cumpre uma função socioafetiva que ratifica a hospitalidade no local. A respeito das possibilidades de estudo, pesquisas anteriores já haviam sinalizado a sua relevância, sobretudo pensando no desenvolvimento de competências profissionais para facilitar a reintegração dos apenados à sociedade (Harkison, 2023).

Algumas falas contidas no Quadro 1 corroboram o olhar e esforço dos anfitriões para cumprir objetivos estabelecidos pela APAC, a exemplo da humanização no tratamento dos encarcerados que corrobora ambientes com melhores relacionamentos intramuros (Fonseca & Ruas, 2016). O depoimento de A1, que reforça a sua preocupação com as questões legais dos recuperandos, demonstra, outrossim, a filosofia do método em reconhecer que apenados são indivíduos que também devem ter seus direitos assegurados (Costa, 2017).

Sobre a hospitalidade praticada com os familiares dos recuperandos (Quadro 2), os funcionários enfatizaram quatro aspectos: *revista humanizada*, *acompanhamento personalizado*, *espaço adequado* para visitar os recuperandos e *realização de eventos com os familiares*. A *revista humanizada* foi destaque nas falas dos anfitriões, reforçando o tratamento mais respeitoso, sem causar constrangimento aos familiares ou qualquer dano aos itens levados para os recuperandos. Essas situações fazem com que os familiares se sintam mais à vontade nas visitas, motivando-os a voltarem mais vezes, fato que auxilia no processo de reintegração dos apenados (Ottoboni, 2001). Nesse sentido, Muniz Neto (2011) fez adendo de que essa maior flexibilidade nas revistas seria improvável para criminosos de maior periculosidade, ratificando

que o método APAC não se aplica a todo e qualquer indivíduo privado de liberdade.

Quadro 2 – Como a hospitalidade se manifesta na relação com os familiares no método APAC, de acordo com os anfitriões

Categorias	Depoimentos	Quantos disseram?
Revista humanizada	<p>O acolhimento aos familiares é bom. Na questão da visita íntima, a revista é mais tranquila (A1).</p> <p>Quando adentram ao sistema fechado, percebem que não há a utilização de arma de fogo (A2).</p> <p>É feita uma excelente recepção aos familiares do recuperando. Até no regulamento contamos aquela visita que está há mais tempo, damos a confiança no familiar, de não estar vasculhando de forma criteriosa o material, o comer, uma sopa. Existem famílias que fazem cursos de voluntário com a gente (A3).</p>	3
Acompanhamento personalizado	<p>Antes não conseguia saber o nome de todo mundo, mas, hoje em dia, já conheço bem mais, sei dos processos. Alguns familiares entram em contato e conseguimos saber mais sobre o histórico, acompanhar mais de perto a previsão de saída para determinado mês ou quem está aguardando transferência [...] acompanho com mais frequência o processo (A1).</p> <p>Entramos em contato com a família através do setor social [...] nessa primeira abordagem, explicamos o que é a metodologia, quais as propostas e como funciona o sistema prisional da instituição [...] com esse número de 65 recuperandos, conseguimos fazer um atendimento muito melhor [...] sendo que eles se sentem mais confortáveis para externar seus anseios e para tratar de assuntos relacionados ao futuro” (A2).</p>	3
Espaço adequado	<p>Há um espaço mais tranquilo para a família se sentir mais acolhida (F1).</p> <p>Não há exclusão com relação à alimentação, pois a família se alimenta junto ao recuperando, na mesa, com talheres, pratos de vidro, com uma alimentação que é feita na casa (A2).</p>	2
Realização de eventos com os familiares	<p>Realizamos alguns eventos [...] bimestralmente com orientações e alertas às famílias sobre a importância do seu papel na instituição [...] a família é uma parceira no processo de recuperação, o que reflete no aumento do fluxo de visitas [...] o recuperando sabe que a família está lá fora o esperando (A2).</p> <p>Os eventos que a APAC realiza também podem trazer um pouco mais de humanização para os recuperandos [...] para que eles não sintam aquele sentimento de abandono (A3).</p>	3

Fonte: os autores (2024).

O *acompanhamento personalizado* se mostra possível, em virtude do formato da APAC, respeitando a capacidade de acolhida dos presídios (Araújo & Spolon, 2023). Na prática, nota-se a possibilidade de maior proximidade entre funcionários e apenados, algo que impacta diretamente na percepção de bem-estar pelos recuperandos (Barquín et al., 2019). A preocupação em oferecer *espaço adequado* para encontrar com familiares, além de mesa e utensílios para a realizar as refeições está em sintonia com Lynch et al. (2011) ao apontar os aspectos tangíveis da hospitalidade, que influenciam também no conforto nos presídios. A realização de *eventos*, por sua vez, permite, além da aproximação dos atores centrais da hospitalidade em presídios – agentes públicos, apenados e seus familiares –, que estes sejam acolhidos tanto pela administração do CRS/APAC quanto pelos recuperandos, fazendo com que estes assumam o papel de anfitriões, operacionalizando a mudança de papéis no rito da hospitalidade, conforme preconiza Lugosi (2008).

5.2 A perspectiva dos recuperandos

Ao serem questionados sobre como a hospitalidade se manifesta no método APAC, os recuperandos enfatizaram aspectos que tratam de si mesmos como de suas famílias (Quadro 3). A hospitalidade com o apenado é expressa, com maior evidência, pela *qualidade da alimentação* que, segundo os recuperandos, é de boa qualidade e saudável, além de propiciar *maior convivência* e interação intramuros. O *horário das refeições* também foi ponto de elogio, haja vista que além de ser servida mais cedo, a comida está mais aquecida e adequada para o consumo. A alimentação já é amplamente reconhecida como elemento fundamental para a hospitalidade em contextos diversos (Arifin & Maghzi, 2012; Camargo, 2004; Lashley, 2004; Lashley et al., 2005), da mesma forma que a interação entre as pessoas (Andrade, 2023). Neste ponto, cabe destacar pensamento de Urie et al. (2019) de que a hospitalidade se manifesta no atendimento às necessidades básicas dos indivíduos.

Quadro 3 – Como a hospitalidade se manifesta no método APAC, de acordo com os recuperandos

Categorias	Subcategorias	Depoimentos	Quantos disseram?
Hospitalidade com os recuperandos	Qualidade da alimentação	A alimentação atende aos critérios de humanização [...] tem o bom ambiente do refeitório (R2) . A alimentação aqui é como os recuperandos falam: “é o comer quente que recebem”. O mesmo comer propiciado para os recuperandos, é o dos funcionários, que é bastante saudável, feito na hora, com carinho pela cozinheira da casa, muito diferente do sistema comum, porque lá eles recebem em marmitta que, muitas vezes, é comer estragado, com aquele mau cheiro. Aqui não, o comer é bastante saudável (R3).	5
	Tratamento humanizado	Aqui, a pessoa tem mais atenção, é acolhida, abraçada (R1) . Aqui, já vejo que é um modo diferente de ser tratado [...] Aqui já não é interno, é recuperando (R2) . [...] ao chegar na APAC, o inspetor manda tirar as algema e alevantar a cabeça, que isso aí no sistema comum não pode. Lá é algemado e de cabeça baixa e, aqui, é o primeiro impacto que o recuperando sente. Se sentindo ali valorizado (R4) . Aqui é bem humanizado e isso ajuda muito, realmente, na nossa ressocialização (R7) .	6
	Maior convivência e interação	Temos momentos que são humanizados , que é quando o recuperando se serve e temos uma rotatividade nas mesas das refeições, sendo que eles não podem repetir a mesma mesa diariamente. Nesse momento, eles podem conversar, se conhecer melhor, para ter um diálogo, que é um dos princípios da humanização , da hotelaria, pois estamos falando de seres humanos (R2).	3
	Apoio multiprofissional	Todos ficam confortável em discutir os seus assuntos pessoal com os profissionais da casa, tanto é que o CSS faz muita demanda para o recuperando aos profissionais de saúde, assistente social, psicóloga, até mesmo o encarregado de segurança e a presidente (R7) .	1
	Supervisão menos rígida	Aqui você é bem recebido, é visto como uma pessoa normal . No sistema comum, eu não estaria conversando com a senhora da forma que “a gente tamo conversando” (R3).	1
	Horário das refeições	Lá [no sistema prisional tradicional], o alimento chegava de uma hora a uma e meia da tarde. Aqui você tem o seu alimento a partir das onze, onze e meia, você já está almoçando (R3) .	1
	Maior frequência das visitas	No sistema comum, visita de criança é só uma vez por mês. Aqui na APAC, é todo final de semana . Vem a minha esposa, meus três filhos (R7).	1
Hospitalidade com seus familiares	Recepção calorosa	O acolhimento aqui é bem melhor [...] dão um bom dia, olham na cara do familiar [...] A visita aqui é bem recebida, tem tratamento diferenciado (R4) . Na minha primeira visita, a minha esposa entrou sorrindo, uma coisa que no sistema comum ela não fazia (R7) .	4
	Revista humanizada	Lá [no sistema prisional tradicional] quando ia ter visita, na entrada lá tem aquela revista vexatória, revista a comida toda (R1) .	2

Fonte: os autores (2024).

Um segundo aspecto corresponde ao *tratamento humanizado* que reflete o respeito à dignidade dos apenados, abarcando, inclusive, as nomenclaturas utilizadas para se referir a eles: recuperandos, nome próprio. Esses aspectos estão na essência da hospitalidade, quando enfatizam a importância de acolher o outro independentemente de saber quem é esse outro (Derrida, 2003). Aspecto relevante que resulta da humanização nas cadeias pregado pelo método APAC (Costa, 2017; Martins, 2009; Muniz Neto, 2011; Ottoboni, 2001) é a possibilidade de criar ambientes mais respeitosos e confiáveis, elementos estes relevantes para a ressocialização dos encarcerados (Fonseca & Ruas, 2016). Outro achado importante tratou do *apoio multiprofissional* – de assistentes sociais, psicólogos etc. – oferecido aos recuperandos. Khoshnami et al. (2022) reforçou, anteriormente, o valor do suporte de entidades governamentais e não-governamentais para reintegrar social e produtivamente o apenado. No caso ludovicense, verifica-se que este suporte é fundamental desde a chegada do recuperando, até o seu retorno ao meio social, haja vista suas variadas demandas (físicas, mentais, jurídicas, profissionais etc.).

Uma *supervisão menos rígida* foi destacada pelos recuperandos e se coadunou ao identificado por Barquín et al. (2019) como promovedor do bem-estar nas cadeias espanholas, porquanto se evidencia uma confiança maior entre os agentes de segurança e os encarcerados. Uma *maior frequência das visitas* também foi destaque e ratifica o papel do suporte familiar no reestabelecimento do apenado (Ottoboni, 2001). Esse aumento nas visitas acaba sendo em decorrência de um conjunto de fatores propiciados pelo método apaqueano, a exemplo do tratamento mais humanizado (Fonseca & Ruas, 2016) que proporciona mais respeito com as famílias e mais informação sobre o processo de ressocialização.

Sendo assim, no tocante à hospitalidade com seus familiares foram identificadas duas situações-chave: *recepção calorosa* e *revista humanizada*. Os recuperandos salientaram que seus familiares são bem recebidos, com tratamento diferenciado e respeitoso, incluindo uma *revista humanizada*, a qual evita situações constrangedoras e ratifica uma forma de acolher diferenciada do que se costuma obter em presídios tradicionais. Ao permitir que os familiares visitem os recuperandos com maior frequência, a APAC oportuniza mais momentos de encontro, de hospitalidade, favorecendo a sua reintegração social. A recepção calorosa e o respeito são elementos que refletem a hospitalidade em contextos diversos (Ariffin & Maghzi, 2012; Pijls et

al., 2017) e, no caso dos presídios apaqueanos, esse acolhimento é fator motivacional para a ressocialização dos recuperandos e para o envolvimento de suas famílias nesse processo.

O último questionamento se referiu ao que apenados mais gostam no método APAC (Quadro 4), no qual se obteve as seguintes respostas: *uso do nome*, o *tratamento humanizado* e *hospitalidade oferecida aos seus familiares*. Aqui se observam alguns aspectos presentes na literatura sobre qualidade de vida de encarcerados, mas que também se associam a comportamentos de hospitalidade. Por exemplo, a proximidade entre funcionários do presídio (anfitriões) e encarcerados (hóspedes) é, comumente, expressa pelo tratamento respeitoso ao serem chamados pelo nome. Barquín et al. (2019) já haviam percebido este aspecto como fundamental para a percepção de bem-estar nos presídios. Ou ainda, assim como a qualidade de vida (Barquín et al., 2019), a hospitalidade nos presídios também é percebida de maneira multidimensional, ou seja, a partir de aspectos legais, formais, físicos e até morais.

Quadro 4 – O que mais gostam no método APAC, de acordo com os recuperandos

Categorias	Depoimentos	Quantos disseram?
Uso do nome	Aqui você é chamado pelo nome. Então, isso me impactou muito e chamou minha atenção (R1).	2
Tratamento humanizado	A disciplina que é com amor, humanidade [...] no regime comum não é com amor, é com ódio e aqui não. É uma das coisas que cria, realmente, no recuperando o desejo de mudança, de sair do crime (R8).	3
Acolhimento dos familiares	O tratamento que a família recebe. A família chega aqui é bem recebida, bem acolhida, bem respeitada , diferente do sistema comum (R3).	2

Fonte: os autores (2024).

Por fim, foram identificados 19 tópicos relacionados com a hospitalidade no método APAC, organizados em 6 dimensões: tratamento com os recuperandos; tratamento com os familiares; infraestrutura e conforto; alimentação; interação; e serviços (Quadro 5).

Quadro 5 – Principais dimensões e tópicos da hospitalidade no método APAC

Dimensões	Aspectos	Quem apontou?	
		Anfitriões (funcionários)	Recuperandos
Tratamento com os recuperandos	Tratamento humanizado	x	x
	Recepção calorosa e respeitosa	x	x
	Uso do nome	x	x
	Supervisão menos rígida		x
Tratamento com os familiares	Recepção calorosa com os familiares	x	x
	Tratamento dispensado aos familiares	x	x
	Revista humanizada dos familiares	x	x
	Acompanhamento personalizado	x	
	Maior frequência das visitas dos familiares	x	x
	Realização de eventos com os familiares	x	
Infraestrutura e conforto	Dormitórios	x	
	Vestimentas	x	
	Espaço adequado para encontro com familiares	x	
	Espaço adequado para alimentação	x	
Alimentação	Qualidade da alimentação	x	x
	Horário das refeições		x
Interação	Maior convivência e interação	x	x
Serviços	Acesso à educação	x	
	Apoio multiprofissional	x	x

Fonte: os autores (2024).

A seguir, apresentamos as conclusões do trabalho, enfatizando os principais aspectos relacionados à hospitalidade na perspectiva dos anfitriões e dos recuperandos do CRS/APAC de São Luís, bem como as contribuições, limitações e sugestões para a agenda de pesquisa sobre o tema.

6 Conclusões

Neste trabalho, investigou-se como a hospitalidade se manifesta no tratamento de pessoas apenadas do Centro de Ressocialização Social de São Luís-MA, de acordo com o método APAC,

atendendo às recomendações de pesquisa de Blain e Lashley (2014), Pijls et al. (2017), Lugosi (2021) e Harkison (2023). Os dados foram coletados por meio de entrevistas com funcionários e recuperandos do referido centro. Os resultados evidenciam que a hospitalidade é percebida em aspectos tangíveis e intangíveis pelos recuperandos e funcionários do CRS/APAC São Luís. Estes itens podem ser organizados nas dimensões: tratamento dos recuperandos; tratamento dos familiares; infraestrutura e conforto; alimentação; interação; e serviços. Os funcionários perceberam e apontaram praticamente todos esses aspectos. Os recuperandos destacam, principalmente, os tópicos relacionados ao tratamento humanizado com eles e com seus familiares e à alimentação oferecida. Os resultados sinalizam para a contribuição positiva da hospitalidade no processo de reintegração social dos recuperandos. As comparações realizadas entre o sistema prisional tradicional e o CRS/APAC demonstram que, nos presídios apaqueanos, a hospitalidade é facilmente percebida, contrariamente ao sistema tradicional. Dessa forma, a hospitalidade pode ser um fator positivo e contribuir com a sociedade e com o Estado na incumbência de propiciar a reintegração social do apenado durante o cumprimento de sua pena, gerando efeitos benéficos para o indivíduo e para a sociedade.

Na perspectiva dos recuperandos, apresentada por meio de suas narrativas e vivências, observamos avaliações positivas da hospitalidade em relação às formas de acolhimento, ao respeito e a recepção aos seus familiares. Um fator fundamental na hospitalidade é a qualidade da alimentação. Nessa dimensão os recuperandos destacam que a comida oferecida é de boa qualidade e saudável, assim como, reforçam os aspectos da comensalidade, visto que é apontado que os momentos das refeições propiciam o convívio e a interação entre os recuperandos.

O trabalho contribui com os estudos sobre a hospitalidade, especialmente por contemplar o contexto relacionado ao sistema prisional, onde os “hóspedes” são pessoas apenadas e estão lá cumprindo uma pena, em um processo de recuperação e os anfitriões, funcionários, podem exercitar a hospitalidade de maneira profissional e autêntica, sem preconceitos e julgamentos, acolhendo aquelas pessoas. Na prática, os resultados podem sinalizar quais aspectos são relevantes para que se possa ter mais hospitalidade no sistema prisional brasileiro, indicando aos gestores desses espaços e aos formuladores de políticas públicas alternativas na busca da reintegração social de pessoas apenadas.

Entre as limitações da pesquisa, aponta-se a pequena amostra, diante das dificuldades de

acessar mais participantes da pesquisa e dialogar por mais tempo com eles, o que impede a generalização dos resultados para todo o contexto das APACs. O trabalho também não focou no sistema prisional tradicional, mas especificamente no exemplo do CRS/APAC São Luís. Além disso, um dos fatores alvos de crítica na literatura específica, a perspectiva da religião cristã pregada pela APAC, não foi percebida a partir dos depoimentos obtidos, o que dá margem para um aprofundamento acerca desta temática em investigações vindouras. Outros pontos de crítica como o fato de os presídios apaqueanos não admitirem qualquer tipo de apenado e contraporem os direitos humanos dos encarcerados podem ser, igualmente, mote de investigação.

Adicionalmente, estudos futuros sobre a hospitalidade nesse contexto de privação de liberdade podem contemplar o sistema prisional tradicional. Também podem ser investigadas as perspectivas dos familiares e de grupos sociais específicos, como as mulheres e pessoas LGBTQIA+, a fim de identificar outros elementos relevantes para a hospitalidade e seus efeitos na reintegração social. O tema da inospitabilidade no sistema prisional também pode ser utilizado em pesquisas futuras.

Referências

Andrade, D. A. C. (2023). *A hospitalidade na economia compartilhada do turismo: preditora da satisfação e da intenção de recompra de hospedagem pela Airbnb*. 232f. Tese (Doutorado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Andrade, D. A. C., & Polo, E. F. (2018). Hospitalidade como Recurso Estratégico na Hotelaria: proposição de um modelo teórico-conceitual. *Revista Hospitalidade*, 15(2),17-40, dezembro. <https://doi.org/10.21714/2179-9164.2018v15n2.002>

Andrade, D. A. C., Cordeiro, C. S. S., & Bouças da Silva, D. L. (2020). A Hospitalidade: percepções de clientes e comerciantes no Mercado Central de São Luís do Maranhão. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 12(2),366-386. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i2p366>

Araújo, J. S., & Spolon, A. P. G. (2023). Hotelaria em empreendimentos não-hoteleiros: uma investigação sobre a perspectiva de atuação profissional de hoteleiros junto ao sistema prisional, no Brasil. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 17(3),47-67. <https://doi.org/10.61564/raoit.v17n3.8168>

Ariffin, A. A. M., & Maghzi, A. A. (2012). A preliminary study on customer expectations of hotel hospitality: influences of personal and hotel factors. *International Journal of Hospitality Management*, 31,191-198. <https://doi.org/10.1016/j.ijhm.2011.04.012>

Baptista, I. Lugares de Hospitalidade. (2002). In C. M. M. Dias (Org). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas* (pp. 157-164). Barueri/SP: Manole.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: edições 70.

Barquín, J., Cano, M. Á., & Calvo, M. D. L. Á. (2019). Treatment, reintegration, and quality of prison life: Perception by inmates. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 63(13), 2291-2317. <https://doi.org/10.1177/0306624X19851669>

Biondi, K. (2017). Políticas prisioneiras e gestão penitenciária: incitações, variações e efeitos. *Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, 21(3),555-567. <https://doi.org/10.4000/etnografica.5037>

Blain, M., & Lashley, C. (2014) Hospitableness: the new service metaphor? Developing an instrument for measuring hosting. *Research in Hospitality Management*, 4,1&2,1-8. <https://doi.org/10.1080/22243534.2014.11828307>

Brasil. (1984). *Lei de Execução Penal*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm
Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.

Camargo, L. O. L. (2011). O estudo da hospitalidade. In Montandom, A. (Org.). *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 13-30). São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Chau, S., & Yan, L. (2021) Destination hospitality indicators. *Journal of Destination Marketing & Management*, 19,100537. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2020.100537>

Conselho Nacional de Justiça. (2014). CNJ recomenda expansão das APACs para a redução da reincidência criminal no país. <https://www.cnj.jus.br/cnj-recomenda-expansao-das-apacs-para-a-reducao-da-reincidencia-criminal-no-pais/>

Costa, J. A. (2017). Democracia e Direitos Humanos no Espaço Prisional. In Carrara, O.V. (Org.); Costa, J.A. & Carbonari, P.C. (Coorg.). *A democracia e seus desafios em tempos de crise*. Passo Fundo: Saluz. <https://pgta.uff.br/wp-content/uploads/sites/249/2020/06/2017.ozanan-livro-a-democracia-e-seus-desafios-em-tempos-de-crise.pdf>

Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta.

Folha de S.Paulo (2023). *Com 832 mil presos, Brasil tem a maior população carcerária de sua história*. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/brasil-tem-832-mil-presos-populacao-carceraria-e-maior-que-a-de-99-dos-municipios-brasileiros.shtml>

Fonseca, C. E. P., & Ruas, J. E. (2016). O Método APAC - Associação de Proteção e Assistência aos Condenados - Como Alternativa à Crise do Sistema Prisional Brasileiro. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas*, 4(2), 96-123.
<https://doi.org/10.25245/rdspp.v4i2.152>

Guimarães, G. A., & Castelhana, L. M. (2023). As motivações para a hospitalidade. *Caderno Virtual de Turismo*, 23(1), 37-50. <https://doi.org/10.18472/cvt.23n1.2023.2055>

Gutierrez, L. A. M. (2022). *A hospitalidade incondicional ao migrante: a superação da tolerância para uma ética da hospitalidade no pensamento de Derrida e de Levinas*. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10561>

Harkison, T. (2023). Hospitality in and outside of prisons: prison restaurants and cafés. *Research in Hospitality Management*, 13(2), 99-104.
<https://doi.org/10.1080/22243534.2023.2277510>

Infopen. (2022). Departamento Penitenciário Nacional. *Dados consolidados do Sistema Penitenciário do Maranhão*. São Luis: Departamento Penitenciário Nacional.

Khoshnami, M. S., Alipour, F., Arshi, M., Rafiey, H., & Javadi, M. H. (2022). Reintegration of ex-offenders convicted of violent crimes(...). *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 66(8), 838-855. <https://doi.org/10.1177/0306624X211022669>

Lara, R. (2013). O que é o método Apac? *O Tempo*, Belo Horizonte, 25 fev.
<https://www.otempo.com.br/opiniao/rotary/o-que-e-o-metodo-apac-1.880>

Lashley, C. (2004). Para um entendimento teórico. In C. Lashley & A. Morrison (Org.). *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado* (pp. 1-24). Barueri: Manole.

Lashley, C., Morrison, A., & Randall, S. (2005). More than a service encounter? Insights into the emotions of hospitality through special meal occasions. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 12(1), 80-93.

Liebling, A., & Arnold, H. (2004). *Prisons and their moral performance: A study of values, quality, and prison life*. Oxford University Press.

Lugosi, P. (2008). Hospitality spaces, hospitable moments: consumer encounters and affective experiences in commercial settings. *Journal of Foodservice*, 19(2), 139-149.
<https://doi.org/10.1111/j.1745-4506.2008.00092.x>

Lugosi, P. (2021). Exploring the hospitality-tourism nexus: Directions and questions for past and future research. *Tourist Studies*, 21(1):24-35. <https://doi.org/10.1177/1468797620985778>

Lynch, P., McIntosh, A., Lugosi, P., Molz, J. G., & Ong, C. E. (2021). Hospitality & Society: Critical reflections on the theorizing of hospitality. *Hospitality & Society*, 11(3), 293-331. https://doi.org/10.1386/hosp_00044_1

Lynch, P., Molz, J. G., McIntosh, A., Lugosi, P., & Lashley, C. (2011). Theorizing hospitality. *Hospitality & Society*, 1(1), 3-24. https://doi.org/10.1386/hosp.1.1.3_2

Martins, D. M. (2009). *Implantação do Método APAC no CRRP*. São Luis: Balbino Pcheco Editor.

Michaud, G. (2011). Jacques Derrida. Um pensamento do incondicional. In A. Montandon (Org.). *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 1001-1011). São Paulo: Editora Senac São Paulo.

Montandon, A. (2003). Hospitalidade ontem e hoje. In A. F. M. Dencker & M. S. Bueno (Orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Thomson.

Muniz Neto, M. C. C. (2011). *Método APAC de administração de presídios: estudo sobre uma alternativa ao sistema prisional tradicional*. TCC (Bacharelado em Direito) - UniCeub, Brasília-DF. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/400>

Oliveira, E. M. (2018). Método APAC: alternativa para a execução penal no Brasil? *Revista Interação Interdisciplinar*, 2(2), 84-101.

Ottoboni, M. (2001). *Vamos matar o criminoso? Método APAC*. São Paulo: Ed. Paulinas.

Paixão, A. L. (2016). *Recuperar ou punir? Como o Estado trata o criminoso*. São Paulo: Cortez.
Pessoa, H. R. R. (2015). Ressocialização e reinserção social. *Jusbrasil*. <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/ressocializacao-e-reinsercao-social/201967069>

Pijls, R., Groen, B. H., Galetzka, M., & Pruyn, A. T. (2017). Measuring the experience of hospitality: Scale development and validation. *International Journal of Hospitality Management*, 67, 125-133. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijhm.2017.07.008>

Pimenta, B. E., & Fonseca, G. G. (2018). O Método APAC: o resgate da humanização no processo de cumprimento de pena de condenados. *Psicologia e Saúde em debate*, 4(2), 42-56. <http://dx.doi.org/10.22289/2446-922X.V4N2A4>

Rodrigues, B. F., Kyrillos Neto, F., & Rosário, Â. B. (2019). Método APAC: emergência do sujeito no discurso sobre a mulher. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 126-139. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100010&lng=pt&tlng=pt.

Rudnicki, D. (2011). Comida e direitos humanos no presídio central de Porto Alegre. *Revista Direito GV*, 7, 515-538. <https://doi.org/10.1590/S1808-24322011000200007>

Rudnicki, D. (2021). Contra o Método Apac: “Novas” Alternativas Na Execução Penal. *Revista Direito Mackenzie*, 15(3), 1-25. <http://dx.doi.org/10.5935/2317-2622/direitomackenzie.v15n314946>

Ruiz, J. I. (2016). Actitudes sociales hacia exreclusos: un estudio exploratório. *Suma Psicológica*, Bogotá, 17(2), 169-177. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3618544>

Silva, E. D. (2022). *A Inserção dos Reeducandos do Sistema Prisional na Sociedade(...)*.27f. TCC (Especialização em Gestão dos Serviços de Hospitalidade) – IFG, Goiânia, Goiás.

Snacken, S., Devynck, C., & Uzieblo, K. (2022). Dignity, Social Reintegration of Prisoners, and the New Penal Power(...). *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(9), 980-1000. <https://doi.org/10.1177/0306624X221099489>

Telfer, E. (2004). A filosofia da “hospitabilidade”. In C. Lashley & A. Morrison (Eds.) *Em busca da hospitalidade* (pp. 53-78). São Paulo: Manole.

Urie, A., McNeil, F., Froden, L. C., Scott, J. C., Thomas, P. C., Escobar, O., ... & McKerracher, G. (2019). Reintegration, hospitality and hostility(...). *Journal of Extreme Anthropology*, 3(1),77-101. <https://doi.org/10.5617/jea.6914>

Veal, A. L. (2011). *Metodologia de pesquisa em lazer e turismo*. São Paulo: Aleph.

Zevallos, V. (2022). Desconstrução e hospitalidade: entre a ética e a política. *ethic@-An international Journal for Moral Philosophy*, 21(1), 112-126. <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2022.e79501>

Artigo recebido em: 04/11/2024.

Avaliado em: 11/11/2024.

Aprovado em: 10/12/2024.